

apresentação

In nouua fert animus mutatas dicere formas
corpora. Di, coeptis – nam uos mutastis et illas –
adspirate meis primaque ab origine mundi
ad mea perpetuum deducite tempora carmen.¹

Publius Ovidius Naso. *Metamorphoseon* I 1-4

São tema desta revista os clássicos e suas metamorfoses na literatura e nas artes, ideia que remonta, no Ocidente, aos latinos que se encantaram com Homero, Píndaro, Sófocles e muitos outros. Desde então, um fluxo de luz jorra e continua a brilhar e incendiar mentes e corações atraídos pelo belo. Dispomos-nos a falar das formas mudadas em novos corpos. Acreditamos que os deuses, no que começamos – também eles, na verdade, a mudar-nos – ajudam-nos, e, da mais remota origem do mundo até os nossos dias, fiaram um poema contínuo, a literatura. E assim foi: criou-se o primeiro dia, inventou-se o clássico.

O QUE CHAMAMOS DE CLÁSSICO?

Ora, palavra tão nobre não tem uma só leitura nem origem. Em Roma, *classis* nada mais era que uma categoria social, um agrupamento profissional, um grupo, depois mais tarde, uma coleção, um *corpus*, um lugar e, então, eis a nossa capa: o ponto de encontro do passado remoto, da geração – e entendam, por favor, como quiserem – com um futuro em construção. Um lugar de onde se olha para alguém que olha mais à frente, que se ampara no mistério da beleza.

¹ “Disponho-me a falar das formas mudadas em novos/corpos. Ó deuses, no que comecei – também vós, na verdade, as mudastes –/ ajudai-me, e, desde a mais remota origem do mundo/ até os meus dias, fiái-me um poema contínuo.”



Nessa imagem, foto de Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, que contribui neste número, a composição mostra, ao fundo, na velha lousa, escrita a giz, um trecho do *Agamêmnon* de Ésquilo. “Estes versos escritos no quadro negro compõem o cenário da última aula que Andrew ministra a sua classe. (...) foram muito bem escolhidos, pois falam da presença incômoda, para Menelau, das belas estátuas, após a partida de sua mulher, Helena.” A palavra inicial, presente no dinamismo do filme, “*póthos*, significa justamente desejo ou saudade de algo que foi perdido”.² A palavra *phásma* também está presente – embora na foto, da mesma forma, se oculte. Ela é importante para pensar os clássicos como *phásma*, espectro, aparição, fantasma, fantasia, simulacro, monstro prodígio, tudo isso eles o são e mais: *phásmata* que instigam o *póthos*, exatamente o que o quadro, ao fundo da foto, representa: um detalhe mínimo de *Níke* a desatar sua sandália.

Um clássico, bem o mostram as muitas teorias da literatura,³ da semiótica, ou da psicanálise – o que for –, é aquilo que sobrevive, ou, como se quiser, resiste a sucessivas visitas sem perder a capacidade de gerar novos e estimulantes sentidos, novas e inusitadas, surpreendentes e incômodas formas. Nesse sentido, longe de identificar-se apenas com a ideia da “cristalização” de “obras” e “autores” consagrados demais para sofrerem “adulterações” posteriores, poder-se-ia dizer

² Leiam o artigo de Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, nesta revista. Em tradução de Jaa Torrano: “Por desejo de mulher além-mar/ espectro parecerá senhor do palácio./ Nas belas formas de estátuas/ a graça é odiosa ao marido,/ na vacuidade do olhar/ esvai-se toda Afrodite.”

³ CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 9-16.

que um clássico o é, justamente, porque se reinventa, foi uma e outra vez refeito na(s) cultura(s) pelos poetas ou leitores, assume ares “transgressivos” até, sem deixar de ser um ponto de referência para o estabelecimento de continuidades ou rupturas... Que fossem cristalizações, ainda assim seriam brilhos que se encaixam nas opacidades e recriam luminosidades. Seriam lentes antigas para ver – e até mesmo cristal líquido, paradoxo em matéria.

A proposição poética ovidiana poder-nos-ia ajudar a expandir um pouco essas ideias. Conforme a temos, logo do início das *Metamorfoses* desse fértil autor latino, em que ele assume uma tarefa ousada, trata-se do seguinte: auxiliado pelos deuses do paganismo, invocados em relação de “patronato” e similaridade (*Di, coeptis – nam uos mutastis et illas – adspirate meis*), terá Ovídio a audácia de querer cantar fluentemente (*perpetuum*) as “formas mudadas em novos corpos” (*in nouua mutatas formas corpora*), “desde a mais remota origem do mundo” (*primaque ab origine mundi*) “até os seus dias” (*ad mea tempora*). Os deuses ouviram seu desejo e o de todos os poetas aqui recuperados. Por isso, Ovídio e suas inauguradoras *Metamorfoses* são aqui, na apresentação, homenageados.

No âmbito das *Metamorfoses*, a referência imediata a “formas” que se mudam em “novos corpos” são os muitos seres da mitologia (ou da história) greco-romana aos quais foi atribuída a espantosa capacidade da transmutação absoluta, pois que se passam, até de homens e semi-deuses que foram, a plantas, animais, rochedos, rios, estrelas, feras... Ei-nos, assim, diante de Licáon, tirano da Arcádia, perjuro, antropófago e zombeteiro de Zeus hospedado em sua pátria, que se torna lobo pela própria ferocidade; ainda, para citar poucos, do menino-flor Narciso, cujos desdêns amorosos a todos resultaram na avassaladora paixão... de si – e do ditador Gaio Júlio César, apoteoticamente transformado em cometa bem ao fecho do *carmen* de Ovídio...

O arco de desenvolvimento temporal evocado por essas personagens, há que se ver, cumpre bem as pretensões do poeta de fazer-se cantor de tantas e sucessivas mudanças, “desde a mais remota origem do mundo” até a contemporaneidade da Roma augustana, em que se insere: correspondendo o mito etiológico de Licáon a um tempo comparativamente próximo da criação do Universo (já que nos narra fatos anteriores mesmo ao Dilúvio universal descrito no livro primeiro da obra), a apoteose de Júlio César, utilizada, inclusive, com fins políticos importantes sob Augusto, seu sucessor,⁴ encaixa-se no momento crítico em que Ovídio deve concluir o poema. Não eram, afinal, vaticínios que ele nos prometera naquela passagem programática de suas *Metamorfoses*...

No plano metafórico, porém (aliás, a que somos convidados pela própria polissemia das palavras ovidianas!),⁵ não há impedimentos para darmos um

⁴ SUETÔNIO. *Vies des douze Césars*. Texte établi et traduit par Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931. V.I (César / Auguste).

⁵ HOLZBERG, Niklas. *Ovid. The Poet and his Work*. Trans. from the German by G. M. Goshgarian. Ithaca/London: Cornell University Press, 2002. p. 114.

passo além e também pensarmos nas “formas” passadas a algo *novo* como toda a tradição poética pregressa com que Ovídio dialoga: dessa maneira, confrontados com várias lendas das *Metamorfoses* (Penteu, Ariadne e Teseu, Medeia e Jasão, as armas de Aquiles, Ulisses e Circe, Eneias...), logo evocamos *outros* textos de *outros* autores em que já estavam presentes (as peças dos trágicos gregos, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio, a lírica *exquisita* de Catulo...), a ponto de se poder falar até em partes “homéricas” ou “virgilianas” da obra. Sim, por reconhecer no outro (e com outros!) o potencial clássico de tantos mitos e obras, Ovídio reinventa-os ao apropriar-se deles mais uma vez, transforma-os e amolda-os a si com a transmutação dos gêneros literários, dando relevo a personagens menos nítidas nos contextos de “origem” ou apenas fazendo-as “falar” de novo...

Além disso, nessa operação de leitura da tradição via “lentes” de Ovídio, favorece-nos a saborosa indefinição do adjetivo latino *perpetuum*, que qualifica o *carmen*, o produto letrado a nós oferecido *ininterrupto* desde os instantes em que iniciamos a leitura das *Metamorfoses*... até sua conclusão, ao fim de quinze copiosos livros. Esse qualificativo também se presta, na língua latina, a apresentar não o sentido de uma *continuidade ininterrupta* (e assim procedera Ovídio nas *Metamorfoses*, encadeando sem cessar uma lenda à outra...), mas de algo que se daria, para todo sempre, *perenemente* a partir de um ponto dado... Ora, sempre vinculados a necessárias metáforas, dir-se-ia que a “continuidade” do *carmen* ovidiano é transponível para as relações poéticas entre autores, até onde diz respeito ao passado e ao tempo de agora (que saber do futuro?), como o caráter *incessante* das re-apropriações dos clássicos greco-romanos: nesse caso, os votos de Ovídio ter-se-iam difundido *intensificados* para muitas épocas e artistas. Um processo em cristal líquido se criou. Trabalham com ele, em farmacologias literárias, os colaboradores aqui reunidos. *Pharmacoposia* pura.

E, quanto aos que nunca se arriscaram a transpor para o domínio do próprio os feitos artísticos daqueles ilustres predecessores do passado, tomar a palavra *carmen* no que tem de “mágico” ou “encantatório” ajuda-nos a entender por que, enfim, ainda lemos e relemos os antigos, como se, de fato, tivessem-lhes as musas “fiado o encanto” “até nossos dias”.⁶ Veneno, encanto e feitiço, o que lhes damos.

Os ensaios que aqui se oferecem, muitos, em dois volumes, todos ocupados em examinar a produção antiga nos contextos primeiros de surgimento, isto é, nas obras originalmente compostas durante a Antiguidade, ou em seus desdobramentos posteriores em várias artes, testemunham, das duas maneiras aludidas, que ainda se trata de um legado fecundo em nossa cultura.

Agradecidos a todos os colaboradores e desejosos do proveito para o público (*Di bene uortant!*), finalizamos com votos cordiais de boas leituras.

A Comissão Organizadora

⁶ Um dos sentidos do verbo inglês *to charm*, por sinal, relacionável ao latim *carmen*, é o de usar feitiço ou encantamento.